



RISO E ESTRIDÊNCIA PARRÉSICA NA EDUCAÇÃO

Ibrahim Camilo Ede Campos¹

Walter Lima Matias²

RESUMO

O presente artigo se devota a explorar as possibilidades e os limites de se incorporar o riso aos processos educativos, prática escassa nos espaços pedagógicos. Para tanto, é feita uma breve teorização sobre o riso, seguida de uma crítica filo-pedagógica, com base na qual é defendida uma relação de transitividade entre a vida e escola, em sentido ético e estético, pela infiltração (inserção) e filtragem (seleção) do riso nas teorias e espaços educativos. Considerando uma mobilização do riso no discurso retórico para a parrésia, uma das técnicas fundamentais de prática de si estudada por Michel Foucault, defende-se uma problematização da experiência escolar que supere os limites do logocentrismo e da austeridade na Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Riso. Educação. Parrésia. Retórica.

1 INTRODUÇÃO

A dimensão epistemológica dos processos educativos e a orientação prática subjacente à Educação se qualificam à medida que atribuem um sentido ético e estético à formação escolar. Na esteira de uma concepção filo-pedagógica do riso, rir é entrelaçar-se, harmoniosamente, consigo mesmo. Como derrisão ou benevolência, imoralidade ou moralidade, o riso provoca, desafia a gravidade de si, do outro e do mundo.

¹ Doutorando pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de pesquisa: Processos Educativos. Grupo de pesquisa: Filosofia e Educação e Ensino de Filosofia. E-mail: icec.campos@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de pesquisa: Processos educativos. Grupo de pesquisa: Filosofia e Educação e Ensino de Filosofia. E-mail: waltermatias@gmail.com.

Este artigo objetiva, em alcance geral, apresentar uma crítica aos processos educativos logocêntricos, perscrutando a dimensão metacognitiva do ensino e do aprendizado por meio do riso, prática subestimada e pouco presente na literatura e nos espaços educacionais (LARROSA, 2013; ARAPIRACA, 2017).

Essa crítica se articula, no presente trabalho, com a parrésia, ferramenta conceitual estudada notadamente por Michel Foucault (1926-1984), pensador francês que retoma as relações entre verdade moral, franqueza e práticas de si na antiguidade grega e romana.

Em uma atitude teórica de compreensão das relações de transitividade recíproca entre a vida e a escola, em um sentido ético e estético, buscar-se-á, inicialmente, uma breve teorização sobre o riso, com o fito de compreender a polissemia que o caracteriza.

Após essa tessitura argumentativa liminar, será feita uma crítica da ausência ou pouca expressividade dessa dimensão vital nos processos educativos, seguida de uma proposta de **infiltração** (inserção) e **filtragem** (seleção) do riso nas teorias e práticas educativas, particularmente pela mobilização do uso do riso na retórica para a prática parrésica.

2 O PRÓPRIO DO RISO, O PRÓPRIO DO HOMEM

George Minois (2003), historiador francês, autor da obra **História do riso e do escárnio**, aponta para uma presença canhestra do riso no cotidiano das pessoas.

Essa escassez hodierna de um riso livre, catártico e espontâneo nas relações intersubjetivas é reflexo de uma “sociedade de consenso fraco” (MINOIS, 2003, p. 620), na qual a ausência de um código moral único, rígido e imperativo não contrasta com o sério, oposição que caracteriza o traço cômico (MINOIS, 2003).

Com efeito, o riso pode exsurgir da diferença - a própria comicidade pela semelhança opera no pressuposto da diferença (PROPP, 1992) -, agindo nas fissuras de estruturas axiológicas consolidadas (MINOIS, 2003).

Além de derrisório (riso de zombaria), caracterizado pela constante associação ao cômico e que passa pelo desvelamento emergente de falhas ou

defeitos do que ou de quem se ri, o riso pode assumir outros aspectos, que são de especial interesse para este trabalho:

pode ser alegre ou triste, bom e indignado, inteligente e tolo, soberbo e cordial, indulgente e insinuante, depreciativo e tímido, amigável e hostil, irônico e sincero, sarcástico e ingênuo, terno e grosseiro, significativo e gratuito, triunfante e justificativo, despudorado e embaraçado. Pode-se ainda aumentar esta lista: divertido, melancólico, nervoso, histérico, gozador, fisiológico, animalesco. Pode ser até um riso tétrico (IURÉNIEV, 1964 *apud* PROPP, 1992, p. 28-29).

Apesar dessa diversidade, a conhecida afirmação de Aristóteles, em **Partes dos animais**, de que o “ser humano é o único animal que ri” (ARISTÓTELES, 2010, p. 135), inserida, aliás, em uma explicação fisiológica do riso relacionada ao aquecimento do diafragma, não permite concluir, como bem adverte Minois (2003), que ele seja da essência do homem, mas apenas uma potencialidade que lhe é inerente.

No Renascimento, despertada a teoria clássica do riso, Skinner (2002) destaca como ela foi desenvolvida e ampliada pelos humanistas, os quais associaram o riso à alegria e ao prazer, como derrisão, além de enfatizarem a imprevisão e a surpresa e se aterem a uma maior descrição dos vícios risíveis, em referência à comédia na **Poética** de Aristóteles, tais como a avareza e a vanglória.

Alguns escritores da época, no entanto, se distanciaram da teórica clássica ao conceberem o riso fora da dimensão derrisória, ou seja, apenas como satisfação e alegria, o que veio a ganhar adesão majoritária no início do século XVII. No mesmo século, pelo descrédito da psicologia dos humores e pelo imperativo de decoro e autocontrole, o riso foi relegado à categoria reprovável (SKINNER, 2002).

Em 1674, em Roma, na Academia da Rainha Cristina Alexandra, da Suécia, foi proposto a Padre Antônio Vieira e a Girolamo Cattaneo o seguinte problema: “se o mundo era digno de riso, ou de lágrimas: e qual dos dois andara mais prudente, se Demócrito, que ria sempre; ou Heráclito, que sempre chorava” (VIEIRA, 1710, p. 211).

Vieira, em visão de mundo pessimista, inicia afirmando que Demócrito, justamente por rir sempre, nunca ria, pois o riso nasce da novidade ou da admiração, além de que ria do que não lhe agradava. Demócrito, na verdade,

chorava, porém de outro modo, sem lágrimas, sinal de excessiva dor e tristeza. Ria como ferido pelo mundo, ao chorar pela boca, pelo pranto mordaz do riso.

Enfrentando diretamente o problema, Vieira sustenta, citando Sêneca, que Demócrito ria das ignorâncias e Heráclito chorava das misérias, razão assistindo ao segundo, pois há miséria sem ignorância, ao passo que não há ignorância sem miséria, esta como causa da dor, sem motivo para dela se rir, portanto (VIEIRA, 1710).

Uma outra perspectiva é apresentada por Montaigne (1533-1592), nos **Ensaio**s, Capítulo L do Livro Primeiro (Sobre Demócrito e Heráclito), em que prefere o riso de Demócrito ao pranto de Heráclito, não por sua agradabilidade, mas pelo desdém e condenação que nunca suficientes. Isso porque, segundo o filósofo renascentista, há no homem mais frivolidade que infelicidade, mais tolice e vaidade que maldade (MONTAIGNE, 2009).

A polissemia do riso só se define, se deixa cernir e discernir pela intencionalidade subjetiva de quem o emite, ou seja, na busca, **contra o outro**, da zombaria sardônica, para dele se distanciar e vencê-lo pela derrisão - perspectiva de Thomas Hobbes (1588-1679) -, ou na busca, **com ou pelo outro**, da leveza espiritual, para dele se aproximar e vencer na diversão, na medida em que diversão pede alteridade.

Essas duas dimensões inconciliáveis correspondem, respectivamente, ao que Pavis denomina “riso de acolhida” e “riso de exclusão” (PAVIS, 1999, p. 59-60), este temperado por Descartes com ódio e moderação, ao afirmar, no artigo 178 das **Paixões da Alma**:

A derrisão ou zombaria é uma espécie de alegria misturada com ódio, que surge ao se perceber um pequeno mal em uma pessoa que se julga digno dele. Tem-se ódio por esse mal e sente-se alegria ao vê-lo em alguém que merece. E quando isso sobrevém inesperadamente, a surpresa da admiração é causa para desatar a rir (DESCARTES, 1649, p. 293-294).

Assim, o riso pode agregar ou desagregar, construir ou destruir, catalisar ou amainar a violência. Franqueza edificante ou demolitória, eticidade ou escárnio, uma prosopopeia do riso levaria à preferência dele por ambientes lômicos, com temperaturas gélidas ou tórridas, incidindo no tempo do efêmero e da volatilidade.

Na obra **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**, Bergson (2004) estuda, sobretudo, o riso derrisório (de zombaria), social e repressor, que é acompanhado de insensibilidade em relação ao outro e é ativado apenas pela **inteligência**, vocábulo cujo étimo, consigna Michel Onfray (2002), refere-se à capacidade de relacionar o que parece estar separado, apontando para o curioso, o engraçado, o surpreendente, o inesperado e o singular.

Esse aspecto do riso serve, pois, segundo o filósofo francês, como “trote social” (BERGSON, 2004, p. 101) ou como “enrijecimento para a vida social” (BERGSON, 2004, p. 100). Injusto, malevolente e “feito para humilhar, deve dar impressão penosa à pessoa que lhe serve de alvo. A sociedade vingá-se por meio dele das liberdades tomadas com ela” (BERGSON, 2004, p. 146). Por certo, não é desse riso que a Educação precisa.

Todavia, por se situar, como prática social, entre as extremidades do “amor incondicional e a luta até à morte” (POIZAT, 2002, p. 5), o riso viabiliza, sem utopias nem violências extremadas, a necessária coexistência com o outro em sociedade (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 2005).

Delineados os vários aspectos do riso, como fecho deste tópico, cabe acentuar que o humor nem sempre lhe é inerente. O humor extrapola o âmbito da racionalidade ao apelar para uma dimensão existencial (PAVIS, 1999). Segundo Reboul (2004, p. 133):

No humor, é o próprio sujeito que abandona sua própria seriedade, que abdica da importância. O que em princípio exige dele certa calma, certo domínio de si (...) e desse modo se explica que o primeiro grau do humor seja a palavra descontraída nos momentos em que todos já perderam a cabeça. Antídoto contra todos os fanatismos, o humor tende para o irracional e às vezes para o niilismo. Assim, se a ironia é uma arma, o humor é algo que desarma. Retórica superior.

3 POR UMA INFILTRAÇÃO E FILTRAGEM DO RISO NAS TEORIAS E ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Para Larrosa (2013), a tímida expressão da comicidade na pedagogia se deve a duas razões: um moralismo excessivo conducente à seriedade e à austeridade, somado a um firme otimismo pedagógico. Nas palavras do autor espanhol (2013, p. 168), “um professor tem muito de pregador. Por isso, o tom professoral é uma mistura de austeridade e dogmatismo”, inclusive, talvez sobretudo, no plano moral.

O riso que Larrosa exalta na formação do pensamento não é o riso neutro do entretenimento, o riso protetor de barreiras nem o riso opositivo, mas aquele que, atuando “como componente dialógico do sério” (LAROSSA, 2013, p. 170), veicula uma dupla funcionalidade. A primeira função é a de relativizar e desestabilizar, em uma posição de externalidade propositalmente disfarçada (linguagem do **como se**), os convencionalismos da linguagem que apresentam as máscaras de cada um na sociedade.

A segunda função do riso na pedagogia seria a de promover a autoironia, permitindo um distanciamento ou uma descentralização do sujeito de si próprio, retirando o excesso de compactação identitária, sendo possível, pela proximidade entre as categorias, incluir o humor nessa dimensão.

Acima dessa precisão e identificação, importa cinzelar um quadro teórico mais amplo, no qual o riso pertença a uma dimensão de ensino e aprendizado que ultrapasse as raias da cognição e favoreça o estímulo de esferas relacionais mais autênticas e menos delimitadas institucionalmente.

O riso, nesse diapasão, pode ser compreendido nos processos educativos como um elemento de dupla transitividade entre a vida e a escola (PAGNI, 2011).

O primeiro sentido vai **da vida para a escola** pela **infiltração** (inserção) do riso como prática sociocultural nas fissuras dos espaços escolares, estes constituídos por verticalidades heteronômicas que silenciam a subjetividade irreprodutível do educando e do educador em um *ethos* pedagógico instrumentalista e homogeneizador nos aspectos da subjetividade, do tempo e do espaço.

Mutatis mutandis, a esse respeito, calha citar Quintiliano (35-100 d.C.), retor romano que, defendendo um empréstimo do uso social do riso para a retórica, aponta para “o fato de não haver exercício nem professor algum desta matéria. É por essa razão que existem muitos homens mordazes nos banquetes e conversas, porque é nesta prática que progredimos” (*De risu*, §14).

Seguida dessa infiltração, deve haver um processo de **filtragem** (controle) pedagógico-curricular, nas dimensões ética e estética, em que o riso derrisório, negativo e gregário é retido e separado dos risos caracterizados pela sensibilidade alterística e pela autocrítica modesta, destacando-se, conforme Bergson (2004), que a vaidade é o composto fundamental para a derrisão.

O outro sentido de transitividade vai **da escola para a vida**, de modo que a organização da experiência educativa segundo os critérios das referidas dimensões seja projetada e realizada nas vivências concretas e cotidianas dos sujeitos educativos, como contraponto ao ódio e à violência estrutural, ora escamoteados, ora ostentados, nas sinuosidades da vida cotidiana brasileira (KARNAL, 2017).

Não se trata de fazer picadeiro na escola, tampouco considerá-la unicamente lugar de entretenimento, como adverte Larrosa, mas de incorporar a dimensão do riso aos processos educativos como uma desordem bem-vinda que favoreça a emergência de subjetividades e de criatividade, vivenciando experiências, uma vez que o riso é experiência e, ao mesmo tempo, faz experimentar, o riso faz pensar, não implicando essa recepção na desvalorização de instâncias de reflexividade crítica que busquem compreender o mundo por meio de exigências rigorosas de racionalidade.

Nesse sentido, a desnaturalização, o estranhamento e a perspicácia que envolvem o riso (ARAPIRACA, 2017), elementos que extrapolam a órbita da aquisição de competências cognitivas, podem ser estudados e vivenciados como maneiras de problematizar a experiência nos ambientes educativos.

O riso pode emergir da constatação do que é inusual, incrível, extravagante, diferente ou surpreendente. Por outro lado, os ambientes escolares pouco têm disso, sendo fortemente marcados pela padronização do tempo, do espaço e dos conteúdos e práticas curriculares, efetivando, muitas vezes, acontecimentos que são meros experimentos e não experiências, os quais privilegiam uma cultura científica logocêntrica, formal e objetiva, distanciada das alegrias e dores humanas advindas da experiência do real (caráter insular da escola), o que gera desinteresse e descompromisso escolar por parte dos alunos.

Como aduz Quintiliano, assim como o sal na comida dá gosto a ela, o riso no discurso cria a sede de ouvi-lo (*De risu*, § 19), embora sem exagero, a teor do que sugere o adágio “muito riso, pouco siso”.

Com base em estudo etnográfico em um centro escolar da periferia em Barcelona, na Espanha, composto por adolescentes com problemas escolares, Martín (2006) observou o uso do riso e do humor como recurso pedagógico pelos professores, os quais adotaram uma principiologia educativa de proximidade relacional e de acolhimento.

Das observações hauridas do referido estudo, o uso do riso e do humor foi sistematizado por meio das seguintes modalidades pedagógicas: a) resposta a provocações dos alunos com fito de neutralizar situações e comportamentos negativos; b) incentivo desafiador e benevolente para realização de práticas educativas e aquisição de traquejo social; c) desaprovação e reorientação de comportamentos inadequados sem o desgaste da conflituosidade; e d) demonstração de afeto e proximidade relacional. “Rindo, dizer as coisas sérias” (*ridendo dicere severum*), como diz Nietzsche em obra autobiográfica.

O riso tende, pois, a deslocar a atenção e a tensão situacional para outro estado de espiritualidade, permitindo, com isso, a inibição da violência nos espaços escolares, além de ser um elemento potencial de resolução do conflito que passa diretamente pelos envolvidos, não pela neutralidade decisória de um terceiro (MARTIN, 2006).

Acima dessa técnica, há uma dimensão mais ampla do riso e do senso de humor, que atua não como relativização ou abrandamento do conflito (MARTÍN, 2006), mas como atitude existencial fundante da experiência do risível: a sensibilidade do distanciamento que, por sua vez, implica um certo distanciamento da sensibilidade. O uso de ambas as categorias, informadas por uma teleologia alterística benevolente, podem ter uma eficácia muito maior que um compadecimento absorto ou hipócrita que busque ponto de apoio moral no outro a fim de ser reconhecido e se reconhecer como virtuoso.

Encaminhando a reflexão para uma tentativa de problematização na qual haja sinergia entre riso e eticidade no âmbito dos espaços escolares, sob quais pressupostos teóricos e práticos podem ser qualificadas e catalisadas experiências intersubjetivas que fortaleçam o potencial crítico de si mesmo e do mundo, é preciso estar atento a essa multifacetada realidade da experiência humana que é o riso.

4 DO RISO RETÓRICO À ESTRIDÊNCIA PARRÉSICA NA EDUCAÇÃO

4.1 PARRÉSIA, VERDADE E DISCURSIVIDADE

O tema da parrésia foi abordado por Foucault em diversos trabalhos e conferências proferidas na França e no exterior. Trata-se de vocábulo grego

(παρρησία), transliterado para o latim como *parrhesía*, tendo assumido, na antiguidade grega, romana e no medievo, diversos sentidos e peculiaridades (políticas, filosóficas e religiosas). Na antiguidade, a parrésia não foi estudada como categoria de reflexão autônoma, à exceção do Tratado de Filodemo (*Peri Parrhêsías*) (FOUCAULT, 2010).

Em uma de suas conferências proferidas na Universidade de Berkeley, em 1983, Foucault (2013, p. 9) assim a define:

parrhesia é uma atividade verbal na qual o falante expressa seu relacionamento pessoal com a verdade, e arrisca sua vida porque ele reconhece o dizer a verdade como um dever para melhorar ou ajudar outras pessoas (assim como a si mesmo). Na *parrhesia*, o falante usa sua liberdade e escolhe a franqueza ao invés de persuasão, a verdade ao invés da falsidade ou silêncio, o risco de morte no lugar da vida e da segurança, a crítica ao invés de bajulação, e o dever moral ao invés do interesse próprio e da apatia moral.

Essa verdade parrésica tem um sentido moral, não advindo do saber institucionalizado ou da racionalidade do discurso. O dizer-livre, franco e verdadeiro constitui a própria forma de vida daquele que o exerce, ou seja, o *logos* se funde com a própria existência (*bios*) do sujeito (FOUCAULT, 2012). Nesse sentido, a parrésia é metadiscursiva, pois está no comportamento, nas vestes ou no modo de ser (FOUCAULT, 2010).

A parrésia, apesar de aparentemente estar centralizada no mestre, é um **jogo** entre dois personagens, ou seja, desenvolve-se entre ambos, pois o discípulo deve provocar a voz do mestre, e o mestre, por sua vez, responder a ela. Mais do que isso, embora haja uma parrésia filosófica que imponha o silêncio ao discípulo, outra forma é a da abertura recíproca (FOUCAULT, 2012), marcadamente em Sêneca, em que se percebe uma “sorte de obrigação dupla em que as duas almas trocam, com relação à verdade que se diz, suas próprias experiências, suas próprias imperfeições, e onde elas se abrem uma a outra” (FOUCAULT, 2012, p. 183).

Poderia o riso ser utilizado nessa relação parrésica? Se a resposta for afirmativa, cabe prosseguir na investigação: de qual riso se trata?

Uma advertência prévia se impõe, não se trata de resgatar do passado uma categoria conceitual e prática como panaceia própria a discursos educacionais salvacionistas, mas de reabilitá-la sem pretensão de retorno identitário, qual seja,

posicioná-la ou utilizá-la como ferramenta teórica para a construção de práticas educacionais que não impliquem a transposição artificial do conceito para o presente.

Uma das correntes filosóficas da antiguidade que faz da derrisão um elemento relevante na composição de uma vida sábia e autêntica - uma vida animalizada (canina) porquanto desembaraçada das regras sociais - é o cinismo, destacando-se Diógenes de Sinope (séc. V-IV a.C.), de quem se tem curiosas narrativas na obra **Vida e doutrina dos filósofos ilustres**, do homônimo Diógenes Laércio, historiador e biógrafo grego do século II-III d.C.

As relações entre derrisão e parrésia, que, no cinismo, passam pelo insulto, pelo deboche e pela prática pública - escancarada mesmo - de uma vida conforme à natureza, não ocorrem, todavia, nas tradições platônica e aristotélica, tampouco na tradição filosófica cristã do medievo que diabolizou o riso (MINOIS, 2003).

Sem incursionar, portanto, na parrésia cínica, a qual pode compreender um riso derrisório, frontal, ríspido e áspero - direcionada, em última análise, ao cuidado do outro - a presente investigação busca, diversamente, mobilizar o uso da retórica do riso como elemento auxiliar da prática parrésica, muito embora se possa teorizar sobre a derrisão parrésica como catalisador da dramatização da experiência na educação (FABRE, 2015).

4.2 DO RISO RETÓRICO AO RISO PARRÉSICO

A indissociabilidade entre o *logos* e *bios* do parresiasta, como assentado no tópico anterior, constitui uma das principais diferenças entre parrésia e retórica. Deveras, a retórica, que visa sobretudo à persuasão pelo discurso, é funcional, não tendo “estruturas profundas” (REBOUL, 2004, p. 227), mas sentido na superfície, havendo união, no discurso retórico, entre forma e fundo (REBOUL, 2004).

Nessa esteira, de acordo com Glansdorff (2010, p. 75), a retórica é uma “técnica de superfície cuja aparência de verdade não é suficiente para que seja um discurso verdadeiro”, muito embora possa ser útil ao discurso parrésico como competências adquiridas e alocadas no *ethos* (dimensão centrada no orador), no *pathos* (dimensão centrada no interlocutor) ou no *logos* (dimensão centrada na racionalidade do discurso).

Como técnica argumentativa poderosa, o uso do riso serve, dentre outras situações, quando se recusa a aderir, sem razão, a uma premissa do discurso ou quando se adere a duas teses incompatíveis (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Segundo esses autores (2005, p. 234): “o ridículo só atinge quem se deixa prender nas malhas do sistema forjado pelo adversário”.

Afirmando as diferenças entre a parrésia e a retórica, Foucault (2010, p. 53) aponta para a irredutibilidade de uma a outra:

(...) a *parresía* se define fundamentalmente, essencialmente e primeiramente como o dizer-a-verdade, enquanto a retórica é uma maneira, uma arte ou uma técnica de dispor os elementos do discurso a fim de persuadir. Mas que esse discurso diga a verdade ou não, não é essencial à retórica. E, por outro lado, a *parresía*, como vocês veem, é capaz de adquirir formas totalmente diferentes, já que haverá *parresía* tanto no discurso longo de Platão como nos aforismos ou nas réplicas breves de Dion. Não há forma retórica específica da *parresía*. E, principalmente, na *parresía* não se trata tanto de persuadir, ou não se trata necessariamente de persuadir.

No presente estudo, não se analisará a parrésia como figura retórica (*oratio libera*), como despojamento ou liberdade de formas (o grau zero da retórica). Trata-se de um movimento inverso, em que a retórica do riso é mobilizada como elemento auxiliar do discurso parrésico, em específico, pelo aporte teórico apresentado por Cícero (106 a.C.- 43 a C.) e por Quintiliano (35-100 d.C.).

Sustenta-se que as espécies do gênero ridículo, na oratória, podem ser utilizadas de modo compatível com a benevolência parrésica, malgrado esta vise a fazer com que o discípulo aceda à verdade de si, não tendo por objetivo, **necessariamente**, a adesão ou convencimento por parte dele.

Duas obras retóricas sobre o riso, elaboradas na antiguidade romana, figuram dentre os primeiros textos de sistematização do riso no pensamento ocidental (ALBERTI, 2002), sem olvidar os textos que se perderam, como o Livro II da **Poética** de Aristóteles.

O riso na obra de Cícero está presente em **Do Orador** (*De oratore*), no Livro II (*De ridiculis*), parágrafos 216 a 291, obra em que o personagem César busca responder a cinco perguntas: o que é o riso; onde é encontrado, se cabe ao orador provocar o riso; até onde se deve utilizá-lo e quais os respectivos gêneros (§ 235).

Já o riso na obra de Quintiliano é tratado na **Instituição Oratória** (*Institutio Oratoria*), no Livro VII, Capítulo III (*De risu*), tendo influências da obra ciceroniana.

Para Cícero (1967), o riso advém da torpeza ou da deformidade (§ 236), dos vícios (§§ 238 e 239), do quase feio, incluído aí o aspecto moral (§ 248), acrescentando Quintiliano o elemento da imperfeição. Nesse sentido, ainda segundo Quintiliano, o riso é, de modo geral, falso, propositalmente distorcido e baixo (§ 6), guardando pouca distância do escárnio, embora se possa rir pela agudez e elegância das palavras e ações (como a elegância poética).

O riso, ademais, pode ser lascivo ou hilário, injurioso, áspero ou sutil (§ 27), mas não oposto à urbanidade, ligada ao humor e definida por Quintiliano (§ 107) como “virtude na qual nada de inconveniente, nada de rústico, nada de grosseiro, nada de exótico (nem quanto ao pensamento, às palavras, à voz ou aos gestos) pode ser encontrado” (QUINTILIANO, 2008, p. 144).

Afirmando as vantagens de utilizar o riso no discurso oratório, no parágrafo 236 do *De ridiculis*, Cícero aduz que é próprio ao orador se valer dele:

ou porque a própria hilaridade é benévola àquele que a desperta ou porque todos adoram uma agudeza contida, muitas vezes, numa palavra, sobretudo de quem responde, e às vezes de quem ataca, ou porque enfraquece o adversário; ou o constrange, diminui; afugenta; ou porque o refuta, ou também, pode ser, porque mostra que o próprio orador é um homem polido, erudito, urbano; ou, sobretudo, porque muitas vezes mitiga e abranda a tristeza, a severidade e as coisas desagradáveis. O gracejo e o riso dissolvem aquilo que não é fácil de ser diluído com argumentos (CÍCERO, 2008, p. 236).

De acordo com a referida obra de Quintiliano, o riso afasta os sentimentos tristes, além de desviar a atenção dos ouvintes aos fatos ou de reanimar o público da fadiga de acompanhar o processo argumentativo do discurso (§ 1). O riso serve, também, para abrandar situações graves, envoltas pelo ódio ou ira (§ 9).

Quanto aos limites do uso do riso na oratória, Cícero aponta para a moderação e para a importância de evitar a perversidade e de respeitar a afeição que se tem em relação aos amados (§ 237). Deve-se evitar, ainda, o uso frequente de imitações (§ 251), de caretas ou obscenidades em lugares impróprios (§ 252).

Além disso, segundo Quintiliano, não se deve buscar o riso de modo exagerado ou explícito (§§ 26 e 30), de modo inadequado às situações e às pessoas

(§§ 29 e 33), tampouco premeditado, soberbo ou petulante (§ 33), evitando-se ambiguidades (§§ 46 e 47), diferentemente de Cícero (§ 250).

Como gêneros do ridículo, tem-se, em Cícero como em Quintiliano, um repertório múltiplo e variado, a exemplo do uso de anedota, metáfora, ironia, alegoria, ambiguidade, hipérbole, repreensão de ditos estultos, simulação, malícia, interposição de versos, uso de provérbios ou de frases absurdas, quebra de expectativa, jogo de palavras, simulação, uso de ambiguidades e similitudes.

Trata-se, portanto, de modo exemplificativo, de gêneros que podem ser mobilizados para, de modo lúdico, aliar o dizer-franco parrésico com a experiência estética do riso provocado no outro, sem rusticidades e derrisões, em superação da neutralidade técnica que constitui o discurso retórico.

Nesse sentido, o estímulo ao uso da retórica na Educação, com um *telos* parrésico informado pelo autodescentramento, pela frontalidade benevolente e pela prudencialidade, eleva a qualidade das relações intersubjetivas ao funcionar como um elemento de transitividade entre a vida a escola, permitindo a construção de verdades e afetividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O riso, ao dissolver aquilo que não é fácil de diluir em argumentos (CÍCERO, 2008), favorece um estado de ânimo nos sujeitos que transcende a racionalidade que informa as práticas e teorias educativas. Com efeito, o epicentro do riso não está na teorização nem na cientificidade dos processos educativos (ONFRAY, 2002), mas na explosão de vitalidade e de espontaneidade que concorre com uma racionalidade educativa dogmática, austera e aversa a uma práxis de transitividade entre a vida a escola

A **infiltração** (inserção) e a **filtragem** (controle) do riso nas teorias, práticas e espaços educativos permitem diminuir as tensões e disputas que se alimentam da sisudez e do rebaixamento do cômico à condição de leviandade, contribuindo, de igual modo, para o exercício da autoironia e para a relativização da austeridade consigo e com o outro.

A retórica guarda estrita relação com essa pluralidade (REBOUL, 2004), pois evidencia a necessidade de compreender os valores do outro, o que há de ser prestigiado e tido com mais atenção nas pesquisas que envolvam não apenas as crianças, mas todos os sujeitos educativos. Assim, a mobilização do riso na retórica pela parrésia constitui uma qualificação ética dessa arte, somada à estética que, tal como o riso, constitui aquilo que é próprio do homem.

Se o riso é perigoso, diferentemente não ocorre com a seriedade inibidora da afetividade, do relaxamento e do gozo da vida inteligente que, em estridência parrésica, grita sorridente e para todos: “sem riso, sem siso!”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ARAPIRACA, Mary de Andrade. *Riso e educação: prólogo de uma paideia*. Salvador: EDUFBA, 2017.

ARISTÓTELES. *Partes dos animais*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CÍCERO. *De Oratore I, II*. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

CITOT, Vincent. Entretien avec Michel Onfray. *Le Philosophoire*, n. 17, p. 9-14, 2002.

DESCARTES, René. *Les passions de l'âme*. Paris: chez Henry Le Gras, 1649.

FABRE, Michel. *Éduquer pour um monde problématique*. Paris: PUF, 2015.

FOUCAULT, Michel. La parrésia. *Anabases. Traditions et réceptions de l'Antiquité*, n. 16, p. 157-188, 2012.

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

_____. *Ditos e Escritos V. Ética, Sexualidade e Política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GLANSDORFF, Valérie. Michel Foucault: la “parrêsia” dans le gouvernement de soi et des autres. *Revue de philosophie ancienne*, v. 28, n. 1, p. 67-84, 2010.

JUNIOR, Ivan Neves Marques. *O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de De oratore, livro II, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio Oratoria, Livro VI, 3 (De risu)*. Dissertação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KARNAL, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. São Paulo: Leya, 2017.

LAROSSA, Jorge. Elogio do riso: ou de como o pensamento põe, para dançar, o chapéu de guizos. In: _____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 167-182.

MARTÍN, Xus. O senso de humor no trabalho com adolescentes com problemas de adaptação. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). *Humor e alegria na educação*. São Paulo: Summus, 2006. p. 151-167.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Gallimard, 2009.

PAGNI, Pedro Angelo. O cuidado de si em Foucault e as suas possibilidades na educação: algumas considerações. In: SOUZA, Luís Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de (orgs.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 19-45.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POIZAT, Jean-Claude. Éloge du rire. *Le Philosophoire*, n 17, p. 3-8, 2002.

PROMETEUS. FILOSOFIA EM REVISTA. Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a *parrhesia*. Ano 6. Número 13. Edição especial. 2013.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

VIEIRA, Antônio. *Sermoens e Varios Discursos do P. Antonio Vieira*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1710.